

Violência de gênero em mulheres que vivem com hiv

Roger Flores Ceccon
Stela Nazareth Meneghel
Lilian Zielke Hesler

Introdução

A violência de gênero perpetrada contra mulheres é um agravo de elevada prevalência e um importante problema de saúde pública. É definida como quaisquer atos de agressão psicológica, física, sexual e patrimonial, inclusive ameaças, coerção, privação de liberdade, pornografia ou incesto, determinadas pelas desigualdades de poder entre os sexos (KRUG, 2002).

As violências produzem efeitos negativos na saúde física, mental e no modo como vivem as mulheres, expondo-as à discriminação, à perda de recursos sociais e financeiros, a intenso sofrimento emocional e constituem um fator de vulnerabilidade para DSTs e aids. Essa vulnerabilidade aumenta quando o sexo é realizado por coerção e em situações que fragilizam a mulher, como no caso de exploração sexual e prostituição, uma vez que, geralmente, o sexo acontece sem preservativo e pode causar lesões genitais ou anais que favorecem a infecção (DECKER, 2009).

Mulheres que vivem com hiv sofrem maior quantidade de eventos violentos em comparação com as que vivem sem o vírus, e uma em cada sete infecções poderia ter sido evitada se as mulheres não fossem submetidas à violência. Estudo brasileiro estimou que 72% das mulheres que vivem com hiv sofrem violência de gênero, sendo 63% violência psicológica, 52% física e 28% sexual (BARROS, 2011).

Objetivo

Este estudo tem como objetivo verificar a prevalência e os tipos de violência de gênero perpetrada contra mulheres que vivem com hiv.

Método

Este é um estudo transversal cujo tema é a violência de gênero experienciada por mulheres que vivem com hiv. A investigação foi realizada em um Serviço de Assistência Especializada (SAE) em hiv/aids de um município de médio porte do estado do Rio Grande do Sul.

O tamanho da amostra foi calculado estimando um nível de confiança de 95%, margem de erro de 3%, a presença de 200 mulheres cadastradas no serviço e prevalência estimada de 50% para violência. Calculou-se o tamanho da amostra em 136 mulheres, sendo que foram encontradas e entrevistadas 161.

Foi aplicado um questionário por meio de entrevistas individuais e abordadas questões relativas à violência de gênero e às características sociodemográficas, sexuais, reprodutivas e clínicas. Para verificar a prevalência e os tipos da violência de gênero foram utilizadas 13 questões extraídas da versão nacional do instrumento *World Health Organization Violence Against Women* (WHO VAW).

Para a análise estatística utilizou-se o programa SPSS, versão 20.0. A variável dependente foi aviolência de gênero e as independentes foram as características sociodemográficas, sexuais, reprodutivas e clínicas das mulheres com hiv. As variáveis foram associadas através do teste Qui-Quadrado.

Resultados

A maioria das mulheres era jovem, solteira, branca, com baixa escolaridade e renda. A maior parte iniciou a vida sexual antes dos 15 anos e não tinha companheiro e filhos com hiv; referiram não usar preservativo nas relações sexuais e mais da metade vivia com hiv por mais de cinco anos.

As mulheres relataram elevada prevalência de violência de gênero (72%), e o escore médio foi de 6,2 pontos no instrumento WHO VAW; 72% das mulheres sofreram violência psicológica, 54% violência física e 25% violência sexual, com predomínio de relação sexual forçada.

A maior parte das mulheres sofreu mais de um tipo de violência, e 15% relatou os três tipos. Ainda, 59% das mulheres sofreram violência exclusiva, e a psicológica apresentou a maior prevalência, seguida da física e da sexual.

As mulheres que sofreram violências eram jovens e 48% eram negras; 1/3 era solteira, 17% analfabetas e 90% recebia menos de dois salários mínimos. As três variáveis que apresentaram diferença significativa entre os dois grupos foram: idade da primeira relação sexual menor de 15 anos (88% *versus* 12%), mais de cinco anos com hiv (92% *versus* 8%) e mais de três filhos (70% *versus* 30%).

Discussão

Este estudo evidenciou elevada prevalência de violência experienciada por mulheres que vivem com hiv. As variáveis idade da primeira relação sexual antes dos 15 anos, maior número de filhos e mais tempo vivendo com hiv estiveram estatisticamente associados à violência.

A violência esteve mais presente na vida de mulheres que tiveram a primeira relação sexual antes dos 15 anos, etapa em que as jovens ainda não são completamente autônomas frente às decisões da vida sexual. A sociedade estimula a sexualização precoce das meninas, e elas geralmente se relacionam com homens mais velhos, que possuem maior ascendência sobre as parceiras e maior poder nas relações (TAQUETTE, 2003).

A idade da primeira relação sexual, nesse caso, não é um fator isolado; junto com ela, estão situações de machismo e poder masculino, que podem ser o cenário de abusos sexuais, sexo não consentido ou pressão social para que a jovem inicie um relacionamento. O abuso físico e sexual de mulheres jovens é resultante das desigualdades entre os gêneros, potencializadas quando as jovens são pobres (MENEHHEL, 2003).

A associação entre violência e maior número de filhos evidencia o baixo poder feminino nas decisões sexuais e reprodutivas, incluindo o planejamento familiar e a decisão sobre o número de filhos (D'OLIVEIRA, 2009). Em sociedades patriarcais, a maternidade é destino obrigatório para as mulheres. O desejo de ter filhos não pode ser dissociado da função social, pois representa a ideia de

laço familiar, dá sentido ao casamento e garante o lugar das mulheres na esfera social, no patamar de esposas e mães respeitáveis (KNAUTH, 1997).

O último marcador que encontramos foi a relação entre maior tempo de vida com hiv e violência. Esse fato pode ter ocorrido porque as mulheres estão há mais tempo expostas a preconceitos e rejeição social decorrente da situação de cronicidade da doença. Portanto, quanto maior o tempo de exposição, maior é a chance de que o desfecho aconteça (SILVA, 2003).

Após a introdução dos antirretrovirais, a aids assemelhou-se a outras doenças crônicas, permitindo as pessoas viverem por muitos anos com a enfermidade, embora o preconceito, discriminação e violência possam estar presentes em qualquer momento da vida. A cronicidade permitiu que as mulheres naturalizassem a doença e não acreditassem serem portadoras do vírus, ocasionando dificuldade para romper com as situações violentas (GARCIA-MORENO, 2005).

Os achados deste estudo referem-se a um fenômeno pouco estudado: a prevalência de violência em mulheres que vivem com hiv. Ainda, os fatores encontrados que potencializam a vulnerabilidade feminina foram o início precoce da atividade sexual, o maior número de filhos e o tempo de vida com hiv.

Referências

BARROS CRS, SCHRAIBER LB, FRANÇA-JUNIOR I. Associação entre violência por parceiro íntimo contra a mulher e infecção por HIV. Rev. Saúde Pública 2011; 45:365-372.

DECKER MR, SEAGE GR, HEMENWAY D, RAJ A, SAGGURTI N, BALAIAH D, et al. Intimate partner violence functions as both a marker and risk factor for women's HIV infection: findings from Indian husband-wife dyads. J Acquir Immune Defic Syndr 2009; 51:593- 600.

D'OLIVEIRA AFPL, SCHRAIBER LB, FRANÇA-JUNIOR I, LUDERMIR AB, Portella AP, Diniz CS, et al. Fatores associados à violência por parceiro íntimo em mulheres brasileiras. Rev Saúde Pública 2009; 43: 299-311.

GARCIA-MORENO, HEISE L, JANSEN HAFM, ELLSBERG M, WATTS C. Violence Against Women. Science 2005; 310: 1282-1283.

KNAUTH DR. "Maternidade sob o signo da aids: um estudo sobre mulheres infectadas". In: Costa AO. (Org.). Direitos tardios: saúde, sexualidade e reprodução na América Latina. São Paulo: Ed. 34, p. 39-64, 1997.

KRUG EG, DAHLBERG LL, MERCY JA, ZWI AB, LOZANO R. World report on violence and health. Geneva: World Health Organization, 2002.

MENEGHEL SN, BARBIANI R, STEFFEN H, WUNDER AP, ROZA M, ROTERMUND, JB, et al. Impacto de grupos de mulheres em situação de vulnerabilidade de gênero. Cad Saúde Pública 2003; 19:109-118.

SILVA AO. Utilização da teoria das representações sociais no campo da saúde - UFPB-João Pessoa: tendências e perspectivas. In Coutinho MPL. (Org.). Representações sociais: abordagem interdisciplinar. (pp. 120-129). João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003.

TAQUETTE SR, RUZANY MH, MEIRELLES Z, RICARDO I. Relacionamento violento na adolescência e risco de DST/AIDS. Cad Saúde Pública 2003; 19:1437-44.